

## ÁGUAS QUE EDUCAM: AS PRÁTICAS CULTURAIS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

### Correspondência ao Autor

Nome: Maria Angélica Cardoso  
E-mail: maria.cardoso@ufms.br  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Submetido: 11/08/2022

Aprovado: 06/02/2023

Publicado: 09/10/2023

 10.20396/rho.v23i00.8670683

e-Location: e023020

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):  
CARDOSO, M. A.; ALVES, G. L.;  
MATIAS, R. Águas que educam:  
as práticas culturais na organização  
do trabalho didático. **Revista  
HISTEDBR On-line**, Campinas,  
SP, v. 23, p. 1-26, 2023. DOI:  
10.20396/rho.v23i00.8670683.  
Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670683>. Acesso em: 9 out. 2023.

Distribuído  
Sobre



Checagem  
Antiplágio



  **Maria Angélica Cardoso\***  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

  **Giberto Luiz Alves\*\***  
Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves

  **Rosemary Matias\*\*\***  
Universidade Uniderp

### RESUMO

O objeto aqui apresentado é o documentário *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense*. O objetivo foi analisar a viabilidade e a relevância deste documentário, apresentado em vídeo, como recurso elaborado em busca de uma nova proposta didática. Conforme Alves (2001, p. 256) “[...] a produção de uma nova forma de organização do trabalho didático exige a incorporação de outros recursos tecnológicos que não o manual didático.” As questões que nortearam este trabalho foram: Qual o entendimento dos professores quanto à utilização de obras de artes plásticas, música e poesia no ensino da história do Pantanal, contada no documentário? Como incorporar novos recursos de modo a despertar o interesse da criança e do adolescente pelo conhecimento? Para responder às questões os procedimentos metodológicos contaram com levantamento bibliográfico e documental, análise do documentário e uma enquete que contou com a participação de 11 professores. A análise dos dados ocorreu sob as categorias universal e singular, organização do trabalho didático e práticas culturais, utilizando-se dos textos de Alves (2001, 2003, 2005, 2012, 2019), Lukacs (2005) e Marx e Engels (1983). A análise dos dados revelou não só a viabilidade como também a relevância do documentário para o processo de ensino e de aprendizado, principalmente frente às dificuldades encontradas para se trabalhar com a história regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** História regional. Práticas culturais. Didática.

**WATERS THAT EDUCATE: CULTURAL PRACTICES IN THE ORGANIZATION OF TEACHING WORK**

**Abstract**

The object presented here is the documentary *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense*. The objective was to analyze the possibility and the relevance of this documentary, presented on video, as a new resource made searching for a new didactic proposal. According to Alves (2001, p. 256) “the production of a new form of didactic work organization requires the incorporation of technological resources other than the didactic manual”. The questions that guided this work were: What is the understanding of teachers regarding the use of plastic works, music and poetry in Pantanal history teaching told in the documentary? How to incorporate new resources in order to arouse the children and adolescents` interest in knowledge? In order to answer these questions, a bibliographic and documental data survey, the analysis of the documentary and a survey with participation of 11 teachers were taken as methodological procedures. The analysis of the data took place under the universal and singular categories, didactic work organization and cultural practices, based on texts by Alves (2001, 2003, 2005, 2012, 2019), Lukacs (2005) and Marx and Engels (1983). Data analysis revealed not only the feasibility but also the relevance of the documentary for the teaching and learning process, especially in relation the the difficulties in regional history working.

**Keywords:** Regional history. Cultural practices. Didactics.

**AGUAS QUE EDUCAN: LAS PRÁCTICAS CULTURALES EN LA ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO DIDÁCTICO**

**Resumen**

El objetivo acá muestreado es el documental *aguas que educan – el Pantanal y su historia en la pintura sul-mato-grossense*. El objetivo fue analizar la viabilidad y la relevancia de este documental, presentado en video, como recurso para que se haga una nueva propuesta didáctica. Como dice Alves (2001, p. 256) “la producción de una nueva forma de organización del trabajo didáctico exige la incorporación de otros recursos tecnológicos que no el manual didáctico.” Las cuestiones que guían este trabajo fueran: ¿cuál el entendimiento de los maestros cuanto a la utilización de las artes plásticas, música y poesía en el enseñanza de la historia de Pantanal, dicha en el documental?, ¿Como incorporar nuevos recursos para que se despierte el interés de los niños y de los adolescentes por lo conocimiento? Para responder las cuestiones de los procedimientos metodológicos contaron con la participación de 11 maestros. El análisis de los datos ocurrió por debajo de las categorías universal y singular, organización de lo trabajo didáctico y prácticas culturales, utilizándose de los textos de Alves (2001, 2003, 2005, 2012, 2019), Lukacs (2005) y Marx y Engels (1983). El análisis de los datos resulto no solo en la viabilidad como también la relevancia del documental para el proceso de enseña y de aprendizaje, principalmente frente a las dificultades que fueran encontradas para que se trabaje con la historia regional.

**Palabras clave:** Historia regional. Prácticas culturales. Didáctica.

## INTRODUÇÃO

Alves (2001, p. 241) alerta sobre a “[...] necessidade de uma organização do trabalho didático compatível com as necessidades e os recursos contemporâneos, cujo coroamento se daria com a produção de uma nova didática”. Esta questão, acrescida da preocupação com a forma como as práticas culturais são apresentadas nas escolas, levou à proposição de uma pesquisa – As Práticas Culturais como alimento do Trabalho Didático no Processo de Ensino e de Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – da qual emerge este artigo que tem por objeto o documentário *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense*.

O objetivo foi analisar a viabilidade e a relevância deste documentário, apresentado em vídeo, como recurso elaborado em busca de uma nova proposta didática. Conforme Alves (2001, p. 256) “[...] a produção de uma nova forma de organização do trabalho didático exige a incorporação de outros recursos tecnológicos que não o manual didático”.

As questões que nortearam este trabalho foram: Qual o entendimento dos professores quanto à utilização de obras de artes plásticas, música e poesia no ensino da história do Pantanal, contada no documentário? Como incorporar novos recursos de modo a despertar o interesse da criança e do adolescente pelo conhecimento?

Ao analisar o documentário, objeto deste artigo, foram investigadas as possibilidades de utilização de práticas culturais no ensino da história regional, no caso, a história e a ocupação do pantanal. Para tanto, os procedimentos metodológicos contaram com levantamento bibliográfico e documental, análise do documentário e uma enquete<sup>1</sup> que contou com a participação de 11 professores dos 22 convidados.

A análise dos dados ocorreu com o concurso das categorias universal e singular, organização do trabalho didático e práticas culturais, utilizando-se dos textos de Alves (2001, 2003, 2005, 2012, 2019), Lukacs (2005) e Marx e Engels (1983).

Quanto ao universal e singular, Alves (2003, p. 28) sintetiza a questão afirmando que

[...] a investigação científica deve gerar conhecimentos que evidenciem: a) a unidade cultural predominante entre os povos que vivem sob a égide do modo de produção capitalista, ele próprio a acabada expressão do universal, pois submeteu, sem exceção, as nações de todos os quadrantes do planeta; b) assim como as especificidades das diferentes nações e regiões. Essas especificidades, contudo, subordinam-se à unidade cultural, pois o singular é sempre uma forma de realização do universal. [...] O singular é a manifestação, no espaço convencionado, de como leis gerais do universal operam dando-lhe uma configuração específica. Universal e singular, nessa perspectiva, são indissociáveis.

Nesse sentido toma-se a escola pública com seus conhecimentos e suas práticas como uma singularidade na qual se organiza o trabalho didático. Para Alves (2005, p. 10-11),

No plano mais genérico e abstrato, qualquer forma histórica de organização do trabalho didático envolve, sistematicamente, três aspectos:

- a) ela é, sempre, uma relação educativa que coloca, frente a frente, uma forma histórica de educador, de um lado, e uma forma histórica de educando(s), de outro;
- b) realiza-se com a mediação de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento,
- c) e implica um espaço físico com características peculiares, onde ocorre.

Em 2012, o autor amplia o conceito de organização do trabalho didático incluindo nele o aparato administrativo: “[...] entre os elementos da *organização do trabalho didático*, acrescente-se que também o aparato de apoio administrativo produzido pela escola moderna tornou-se indispensável à realização de sua forma histórica radicada em Comênio” (Alves, 2012, p. 170).

Assim, tomando a organização do trabalho didático que ocorre na singularidade escolar, busca-se como essa organização pode ser estruturada a partir das práticas culturais que realizam funções precisas determinadas pelo processo mais geral da produção.

## CULTURA E PRÁTICAS CULTURAIS

Lukacs (2005, p. 1-2)<sup>2</sup>, respondendo à questão “[...] o que é exatamente a cultura?”, afirma que “[...] o conceito de cultura (em oposição à civilização [Zivilisation]) compreende o conjunto das atividades e dos produtos dotados de valor que são supérfluos em relação ao sustento imediato”. O autor exemplifica: “[...] a beleza interna de uma casa pertence ao conceito de cultura; não sua solidez, nem sua calefação, etc.” (Lukacs, 2005, p. 2). Dando sequência aos questionamentos ele pergunta:

[...] em que consiste a possibilidade social da cultura? Devemos responder que ela é oferecida pela sociedade na qual as necessidades primárias foram satisfeitas de tal maneira que não se requer um trabalho tão pesado que esgote por completo as forças vitais. Isto é, onde existem energias disponíveis para a cultura (Lukacs, 2005, p. 2).

Nesse sentido, Lukacs (2005, p. 2) afirma que “[...] a velha cultura era, então, a cultura das classes dominantes. Só as classes dominantes estavam em condições de pôr a serviço da cultura suas atividades dotadas de valor, desvinculadas de toda preocupação com o sustento imediato [...]” e contrapõe a ela a nova cultura. A nova cultura surge das mudanças ocorridas a partir da tomada de consciência de classe dos trabalhadores e

[...] significa o domínio interno do homem sobre as circunstâncias, assim como a civilização é seu domínio exterior. Da mesma maneira que a civilização criou os meios do domínio sobre as circunstâncias naturais,

agora a cultura proletária cria os meios de domínio sobre as circunstâncias sociais (Lukacs, 2005, p. 2).

A partir do conceito de nova cultura podemos considerar que tudo que a humanidade produz é cultura. Ela é expressão do movimento social. Em uma sociedade capitalista, composta pela classe burguesa e pela trabalhadora, são produzidas a cultura burguesa e a cultura dos trabalhadores, sem que uma negue a outra (Alves, 2019). Contudo, Alves (2019, p. 7) alerta: há “[...] uma recorrente falta de rigor no emprego do termo cultura [...]” sempre reduzido a produtos eruditos, às festas e danças populares, à cozinha, ao artesanato. O autor admite que esses elementos constituem cultura, mas são captados apenas como coisas.

Conforme Alves (2019, p. 6), na sociedade capitalista todos os produtos culturais e os seus respectivos processos de produção só ganham significado no interior do processo mais geral de produção do capital. Acrescente-se que as práticas culturais podem ser decompostas em seus elementos de natureza material (instrumentos) e de natureza espiritual ou simbólica (ideias e crenças). Ao mesmo tempo, elas realizam funções precisas determinadas pelas relações sociais. Só pela apreensão articulada desses três aspectos ganham inteligibilidade os modos de fazer, de sentir e de ser do homem no tempo e no espaço.

Nesse contexto é esclarecedor o texto de Marx e Engels (1983, p. 28) segundo o qual,

[...] Se as circunstâncias em que [o] indivíduo evolui só lhe permitem um desenvolvimento unilateral, de uma qualidade em detrimento de outras, se estas circunstâncias apenas lhe fornecem os elementos materiais e o tempo propícios ao desenvolvimento dessa única qualidade, este indivíduo só conseguirá alcançar um desenvolvimento unilateral e mutilado.

Outra questão a ser considerada é que

[...] Nesse modo de produção, a fruição do conhecimento científico e de todas as manifestações culturais relevantes, ou seja, tudo aquilo que expressa a riqueza do patrimônio cultural da humanidade, sempre foi sistematicamente negada aos operários e seus filhos, inclusive dentro das escolas. Na educação escolar vêm sendo difundidas, tão somente, formas vulgarizadas do conhecimento pela mediação do manual didático (Alves, 2019, p. 9).

No entanto, conforme Pullman (2015), a criança precisa de cultura como precisa de alimento. Para ele

As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música tanto quanto precisam de amor, comida, ar puro e brincar. Se você não der comida a uma criança, o dano se torna rapidamente visível. Se você não deixar uma criança tomar ar fresco e brincar, o dano também será visível, mas não tão rapidamente. Se você não der amor a uma criança, o dano pode não ser visto por alguns anos, mas é permanente.

Mas se você não der a uma criança arte, histórias, poemas e música, o dano não será tão fácil de ver. Mas está lá. Seus corpos são saudáveis o

suficiente; podem correr, pular, nadar, comer com fome e fazer muito barulho, como as crianças sempre fazem, mas falta alguma coisa (Pullman, 2015).

A cultura se expressa por meio de práticas. Por práticas culturais entendemos, conforme Alves (2019), o conjunto de ações que materializam os elementos de natureza material e de natureza espiritual ou simbólica, revelando instrumentos, ideias e crenças de uma sociedade, tais como artes plásticas, artesanato, observação de pássaros, festas populares, música, dança, poesia dentre tantas outras práticas.

Nesse contexto, as duas questões que norteiam este recorte voltam com mais força: Qual o entendimento dos professores quanto à utilização de obras de artes plásticas, música e poesia no ensino da história do Pantanal, contada no documentário? Como incorporar novos recursos de modo a despertar o interesse da criança e do adolescente pelo conhecimento? Para começar, pressupusemos que nas práticas culturais pode estar o cerne para uma nova proposta de organização do trabalho didático que, incorporando outros recursos tecnológicos, possa inovar a prática pedagógica. Começemos examinando o objeto.

## **ÁGUAS QUE EDUCAM – O PANTANAL E SUA HISTÓRIA NA PINTURA SUL-MATO-GROSSENSE**

Na acepção alemã o termo *Bildung* é considerado como uma teoria da arte e como a formação geral para uma humanidade ideal (Cohn-Plouchart, 1990). As duas formas eram utilizadas até que, conforme Cohn-Plouchart, Lukacs lhe dá um significado definitivo: “[...] o processo temporal e histórico pelo qual um indivíduo, um povo, uma nação e, também, uma obra de arte, adquirem uma forma [...]” (Cohn-Plouchart, 1990, p. 158), ou seja, o termo *Bildung* indica o percurso formativo que o indivíduo, uma obra ou um povo devem realizar para alcançar a maturidade. Nesse sentido, o documentário *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense* é fruto de cinco anos de percurso formativo, o qual relatamos a seguir.

### **O PROJETO ÁGUAS QUE EDUCAM (2013)<sup>3</sup>**

Há muito tempo a Organização das Nações Unidas se preocupa com a questão da água, conforme pode ser observado em sua Resolução A/RES/71/222 de 2016, na qual recorda resoluções anteriores:

[...] resolução 47/193 de 22 de dezembro de 1992, relativa à celebração do Dia Mundial da Água, 55/196 de 20 de dezembro de 2000, em que se proclamou 2003 como o Ano Internacional da Água Doce, 58/217 de 23 de dezembro de 2003, que proclamou a Década Internacional para a Ação “Água para a Vida” (2005-2015), 61/192 de 20 de dezembro de 2006, em que se proclamou 2008 Ano Internacional do Saneamento, 65/154 de 20

de dezembro de 2010, em que se proclamou 2013 Ano Internacional da Cooperação no domínio da água, e 67/204 de 21 de dezembro de 2012 sobre a celebração do Ano Internacional da cooperação no domínio da água (2013) (ONU, 2016).

Na sequência, a resolução estabelece a Década Internacional para a Ação “Água para o Desenvolvimento Sustentável” (2018-2028), encorajando

[...] os Estados-Membros, organismos pertinentes das Nações Unidas, agências especializadas, comissões regionais e outras organizações das Nações Unidas e outros parceiros relevantes, incluindo o setor privado, a contribuir com a Década Internacional para a Ação “Água para o Desenvolvimento Sustentável” (2018-2028), aproveitando o impulso adquirido durante a Década Internacional de Ação “A Água, fonte de Vida” (2005-2015), a fim de apoiar a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2016).

Foi no contexto do Ano Internacional de Cooperação pela Água e da Década Internacional de Ação “A Água, Fonte de Vida” (2005-2015) que, em 2013, nasceu o Projeto Águas que Educam. Veio com o objetivo de promover

[...] soluções aos problemas socioambientais de forma interativa e criativa, [...] [pretendendo] estimular mudanças de valores de indivíduos e grupos das comunidades envolvidas, sugerindo formas de intervenção nos contextos locais e incentivando a gestão colaborativa dos recursos hídricos (Projeto [...], 2013).

O projeto buscou aproximar

Universidade, Escola e comunidade, e oferecer aos participantes a vivência do trabalho colaborativo nas áreas de Artes, Ciências, Educação Física, Geografia e História, além de esclarecer muitas questões relacionadas ao processo de construção de Mato Grosso do Sul em sua configuração histórica, cultural e geográfica (ANDIFES, 2014).

Águas que Educam levou a 11 municípios sul-mato-grossenses (Figuras 1, 2 e 3) uma exposição de obras de artistas plásticos de MS, intitulada “O Pantanal e sua História na Pintura Sul-Mato-Grossense”, retratando “[...] a história, a evolução econômica e as consequências da colonização no Estado, expressos em 70 obras produzidas ao longo de cinco décadas e que utilizaram a água como elemento de ligação” (Corumbá, 2013).

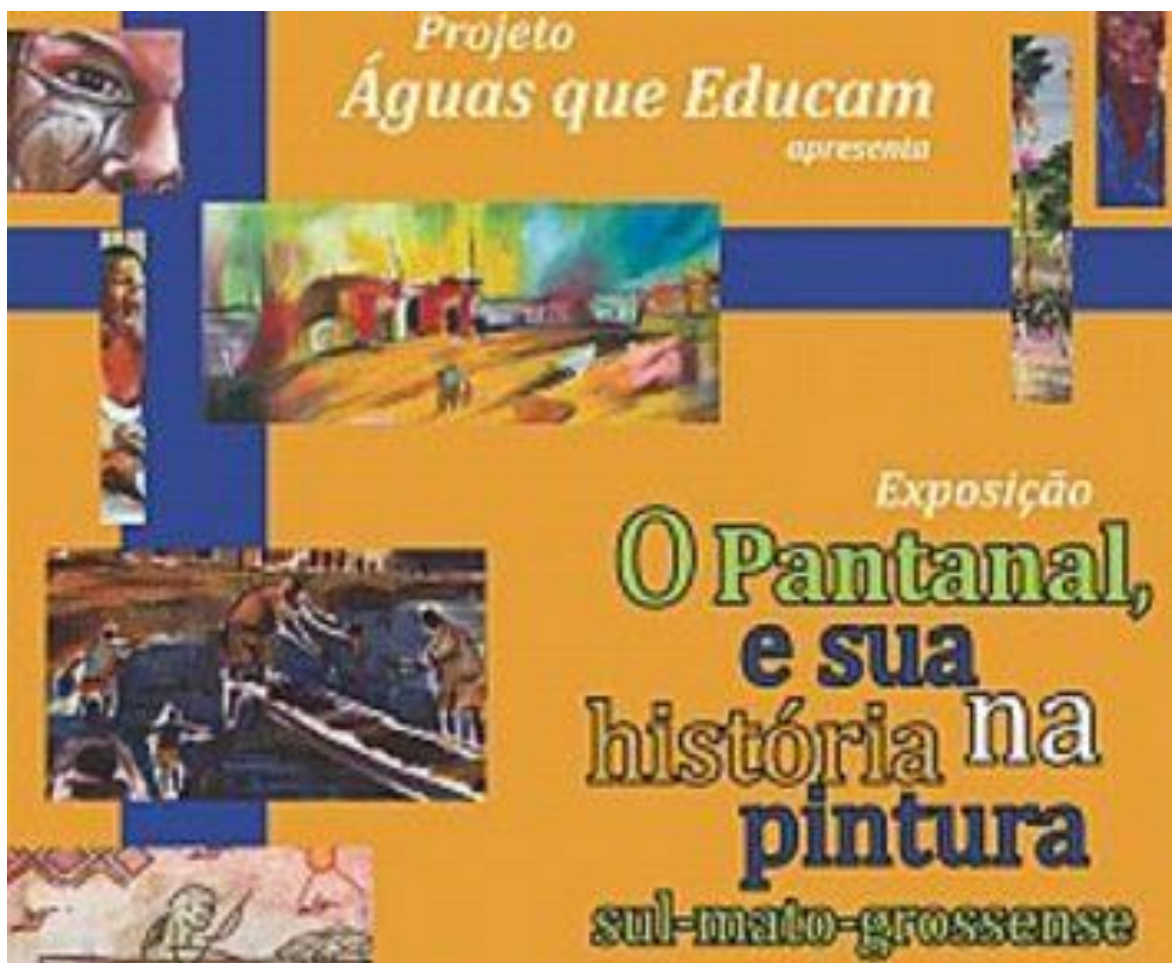


Figura 1 – Três Lagoas recebe Projeto águas que educam.  
Fonte: Três Lagoas (2013).



Figura 2 – Aquidauana recebe o Projeto Águas que Educam.  
Fonte: Mendes (2013).





Figura 3 – Projeto Águas que Educam em Dourados, MS.  
Fonte: Dourados News (2014).

Além da exposição, ocorreram palestras, oficinas multidisciplinares de Formação de Professores do Ensino Básico, oferecendo “[...] aos participantes a vivência do trabalho colaborativo nas áreas de Artes, Ciências, Educação Física, Geografia e História” (ANDIFES, 2014). Junto à exposição, o show *Crianceiras*, espetáculo cênico musical inspirado na obra do poeta Manoel de Barros, organizado pelo artista e produtor cultural Márcio de Camillo. No ano seguinte à exposição foi publicado o livro *O Pantanal e sua História na pintura sul-mato-grossense*.

### **O LIVRO (2014)**

O livro *O Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense* foi publicado pela Editora UFMS em maio de 2014. Traz a apresentação, pelo autor, à qual se seguem dez capítulos.

O primeiro e segundo capítulos discorrem sobre a origem e os primeiros habitantes do pantanal, ilustrados por 16 obras, em texto dissertativo que mescla trechos bíblicos, poesia, história e música. Os capítulos seguintes seguem a mesma organização, dissertando sobre a Guerra da Tríplice Aliança, o comércio e a economia de Corumbá, a pecuária, a estrada de ferro, a pesca, as festas. O último capítulo apresenta as ameaças e as intervenções

no nosso tempo, ilustrado por obras de Jonir Figueiredo, Ilton Silva, Cecílio Vera, Silvio Rocha, Mar Mourão e Luiz Xavier (Figura 4).

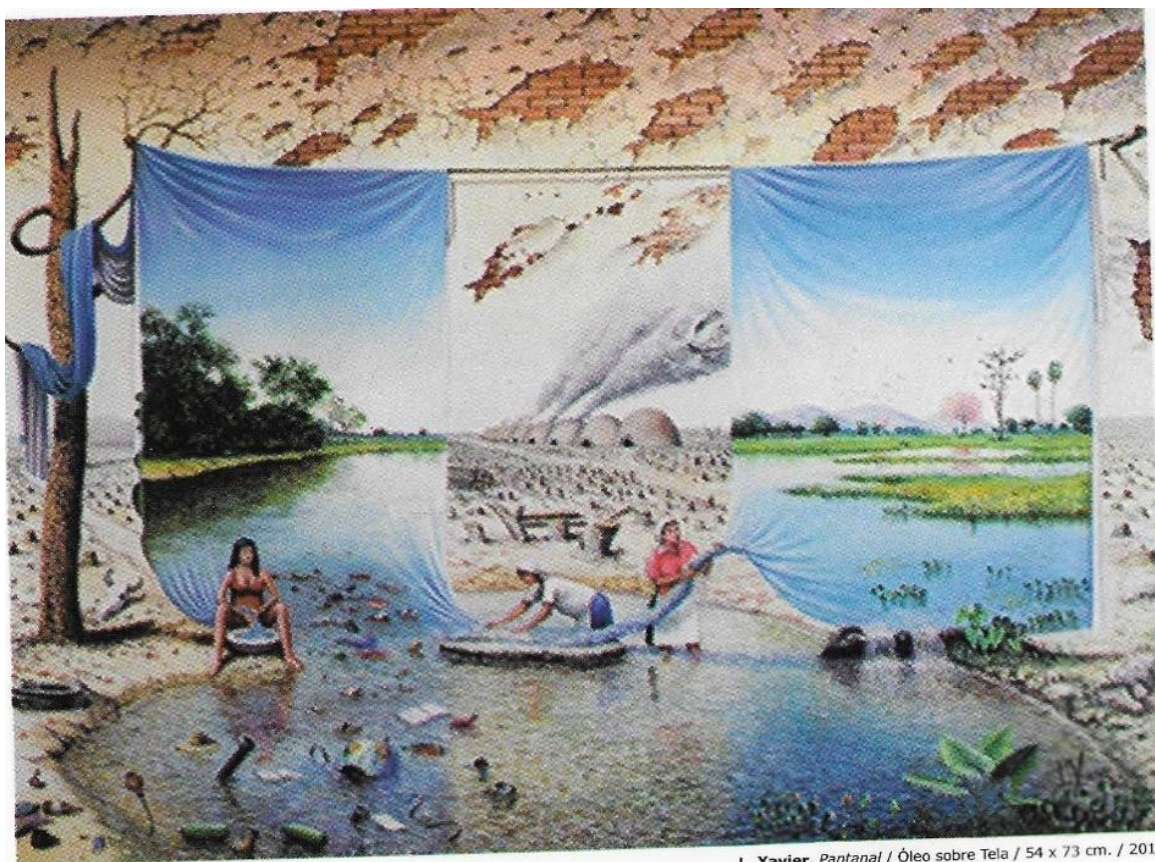


Figura 4 – Obra de Luiz Xavier.  
Fonte: Alves (2014, p. 141).

Após as referências, o livro traz um apêndice intitulado Conversa com Professores no qual o autor esclarece que o livro é um instrumento de trabalho didático (ITD). Para Alves (2014, p. 153) “[...] é preciso romper com o conjunto da organização do trabalho didático centrada no manual didático”. Nesse sentido, o autor afirma que o ITD ao negar o manual didático pretende “[...] contribuir para a emergência de uma nova relação educativa, logo, de um novo tipo de professor e de um novo tipo de aluno, e para que ambos façam do acesso ao conhecimento culturalmente significativo uma busca incessante e permanente” (Alves, 2014, p. 153). Neste item são apresentadas as características do ITD e uma orientação sobre aprofundamento para a unidade didática O Pantanal e sua História na pintura sul-matogrossense.

Sobre o livro, Edna Scremin-Dias (2014) escreveu “Este livro desperta o leitor para a história, o território, a arte e a cultura de Mato Grosso do Sul tendo a água como elemento integrador da ocupação dos espaços geográficos e modelador das paisagens do Pantanal”.

Após o livro, um vídeo foi produzido objetivando incorporar recursos tecnológicos, para além do manual, à organização do trabalho didático.

## O DOCUMENTÁRIO (2016)

Produzido pelo Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves, o documentário (Figura 5) veio à luz em 2016. Foram três anos de *Bildung*.



Figura 5 – Documentário Águas que Educam.  
Fonte: Águas que Educam (2016).

Em formato de vídeo, conta com uma narração clara, inicia com textos bíblicos, utiliza textos históricos, obras de artes plásticas, música e poesia para contar a história da ocupação do Pantanal. Está organizado em dez itens:

1) O Pantanal e o Gênesis: inicia com a narração da criação, segundo Gênesis, acompanhada de obras que retratam as águas, as plantas e os seres vivos da região do Pantanal e, enriquecendo o texto, inclui Manoel de Barros.

2) Os primeiros habitantes: conta um pouco sobre a migração, primeiro, dos guaicuru, depois, dos kinikinau e dos guató. Traz informações sobre os luso-brasileiros e as monções, sua fixação com a edificação de fortificações militares, como o Forte Coimbra, e o surgimento dos povoados que deram origem às cidades de Corumbá e de Albuquerque. Texto bíblico, texto histórico e imagens de obras de arte se misturam revelando a história dos primeiros pantaneiros.

3) Arte e história revelam cenas da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) como a Retirada da Laguna e a Batalha do Riachuelo.

4) O florescimento do comércio e a hegemonia econômica de Corumbá são retratados nas obras dos artistas plásticos Lelo, Ton Barbosa e Daltro e na música Rio Paraguai. Geraldo Roca, o compositor, destaca o rio como símbolo do progresso, que “aportava do sul, num barco a vapor”.

5) Mato Grosso do Sul é um estado essencialmente pecuário. A origem desta atividade é contada com a chegada, no pantanal do Taboco, de cuiabanos, fugindo da Rusga, e de livramentenses que dominaram a região da Nhecolândia.

6) O apito do trem e obras de diferentes artistas anunciam a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a expansão das estradas de rodagem, na década de 1910, intensificando o crescimento de cidades como Campo Grande e Três Lagoas, possibilitando a chegada de migrantes de várias nacionalidades e causando a queda da navegação fluvial e, conseqüentemente, da economia corumbaense.

7) A tela *Bovinocultura*, de Humberto Espíndola, retrata o reconhecimento desta como a principal atividade econômica do Estado, apontando para a expansão da pecuária.

8) A expansão da pesca foi mostrada como importante atividade econômica da região, expandindo, a partir da década de 1970, para o turismo de pesca. Esta atividade revela também dados sobre a educação: muitas crianças aprendiam na escola do trabalho.

9) O cotidiano, o lazer e as festas, girando em torno do rio, são mostrados pelos artistas Jorapimo, Vera Jane, Isac Saraiva, dentre outros. E ainda músicas e festas populares, como a de São João, são práticas culturais perpetuadas no Pantanal. Artes plásticas e música regional contam esta parte da história.

10) Chega-se, enfim, aos nossos tempos. Tempos de ameaças, intervenções e destruição. Jonir, Ilton Silva, Cecílio Vera, Silvio Rocha, Luiz Xavier, Manoel de Barros, dentre outros, retratam o triste cenário, alertando para a necessidade de o homem se mobilizar para salvar os rios, a fauna e a flora, bem como as populações pantaneiras.

Utilizando-se deste documentário (Águas que Educam, 2016) foi realizada a enquete cujo objetivo foi coletar dados para: 1º) analisar a viabilidade e a relevância de um recurso elaborado em busca de uma nova proposta didática e 2º) coletar informações e insights que permitissem direcionar os encaminhamentos de um projeto de pesquisa. Os dados colhidos são apresentados na sequência.

## O QUE DIZEM OS PROFESSORES ACERCA DO DOCUMENTÁRIO

Os onze professores participantes atuam do 4º ao 9º anos do Ensino Fundamental, devido ao fato de a história regional começar a ser trabalhada nos anos iniciais (4º ano) e prosseguir nos anos finais. Responderam à enquete dois professores de Educação Física (EF1 e EF2) que atuam tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais do Ensino Fundamental; dois professores de História (H1 e H2) – anos finais; três pedagogas (P1, P2 e P3) – anos iniciais; uma professora de Artes (A1) – anos iniciais; uma professora de Ciências (C1) – anos iniciais; um professor de Sociologia (S1) – Ensino Médio; e uma diretora adjunta (DA1).

Após contato pessoal, foram enviados a eles as notas explicativas sobre o trabalho, bem como o link do vídeo *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sulmato-grossense*, pedindo-lhes que assistissem ao vídeo, avaliando-o sob dois aspectos: quanto à produção e quanto às possibilidades que ele oferece para o trabalho didático.

### QUANTO À PRODUÇÃO

Em relação à produção do documentário, as questões versaram sobre imagem, conteúdos, música e apresentação geral.

Quanto às imagens, para além dos adjetivos<sup>4</sup>, elas foram consideradas pertinentes aos conhecimentos históricos, possibilitando o contato, ainda que virtual, com a produção artística regional. As obras expressam a história, o cotidiano, as singularidades e os conflitos presentes na história de Corumbá e do Pantanal. As imagens possibilitam uma melhor visualização da narrativa, de uma forma muito sensível, trazendo diversos elementos, como músicas e poesias que vão além do que a narração apresenta. As obras de artistas locais como Jorapimo, Vera Jane ou Ton Barbosa abrem espaço para outras discussões. Ao falar sobre os primeiros habitantes do Pantanal, as imagens abrem espaço para discutir, por exemplo, a arte e a cultura indígenas. A narrativa construída em uma sequência lógica facilita o entendimento para as crianças dos anos iniciais. No entanto, uma professora P1 (2021) alerta que embora as imagens ilustrem de forma clara a história, algumas são mais complexas. Essa complexidade exige uma leitura da obra para que as crianças compreendam o que elas representam no contexto histórico do desenvolvimento regional.

Os conteúdos históricos estão bem fundamentados, ainda que densos. A linguagem é clara e objetiva, porém, as professoras P1, P2 e P3 (2021) voltam a alertar: “[...] para alunos que estão desenvolvendo determinadas habilidades, como no terceiro ano, aparenta ser um pouco complexo, considerando a bagagem de conhecimento deles” (P3, 2021). Nesse caso, seria necessário focar em determinados aspectos específicos em determinadas aulas. Já para os professores dos anos finais, a contextualização das obras ajuda no entendimento, “[...] por vezes parecia dar vida ao conteúdo” (S1, 2021). Os professores de História afirmam que o vídeo

Cria uma narrativa desde o passado indígena da ocupação da região até o ‘nosso tempo’, com uma reflexão sobre o meio ambiente. O próprio documentário tem uma proposta de construção de identidade que pode ser analisada ampliando a questão linear da passagem do tempo (H2, 2021).

Contudo, estranharam a “[...] abordagem criacionista da gênese para explicar a formação da população pantaneira” (H1, 2021). Mas há uma abordagem criacionista no documentário? Ou o autor somente lançou mão do texto bíblico para exaltar a exuberância pantaneira?

O documentário alia a vocalização harmoniosa do locutor com a transmissão do desenvolvimento histórico da região de Corumbá e do Pantanal. Para a professora de Ciências, o documentário tem uma

Leveza e simplicidade [...] ao discorrer sobre tantos conteúdos, tendo como base a poesia, música e obras de arte. Por vezes, quando trabalhamos determinados conteúdos, ficamos presos a estes de uma forma objetiva e limitada a uma determinada disciplina. E o vídeo traz diversos conceitos relacionados a história, ciências, arte e geografia, conversando entre si por meio da arte. Mostra que um mesmo conteúdo pode ser trabalhado a partir de várias nuances, ampliando a visão e entendimento do aluno (C1, 2021).

As músicas regionais, bem selecionadas, articulam-se com as pinturas e são coerentes com os temas tratados, fazendo emergir o conhecimento com sensibilidade. Também em relação à música, os professores veem possibilidades para outras atividades como explorar suas letras, o contexto relacionado aos conteúdos e à construção da identidade musical sul-mato-grossense estimulada, em grande parte, pelo FESSUL<sup>5</sup>, em 1979. Essa construção perpassa tanto a existência quanto a produção do Grupo Acaba ou de Geraldo Roca, por exemplo. As músicas dão dinamismo ao conteúdo, valorizam a produção regional e levam a um mergulho no universo pantaneiro proporcionando uma prazerosa “viagem”.

De forma geral, a apresentação do documentário foi considerada muito boa por esse grupo de professores, considerando que a transmissão articulou o desenvolvimento histórico da região de Corumbá e do Pantanal à vocalização harmoniosa do locutor junto com as obras de artes plásticas e músicas regionais. Novamente a questão da adaptação às faixas etárias aparece.

Para os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio a apresentação ficou atrativa. A forma como texto, as imagens e a narração foram colocadas desperta interesse no que é apresentado. Há qualidade e integração entre as imagens, a música e a narrativa envolvente. O documentário está bem organizado, ficando clara a temática; por meio dos subtítulos consegue-se visualizar toda proposta de evolução da narrativa e traçar uma linha do tempo. Para o público infantil, que compõe os anos iniciais do Ensino Fundamental, pode ser uma apresentação longa, exigindo pausas e comentários

no decorrer da apresentação ou seleção de trechos menores a serem trabalhados em momentos diferentes.

## QUANTO AO TRABALHO DIDÁTICO

Nesse aspecto foram realizadas cinco questões buscando as possibilidades vislumbradas quanto às diferentes linguagens, aos dados históricos, à ocupação do solo pantaneiro, às manifestações culturais e ao meio ambiente nas disciplinas ministradas, além da questão inicial abordando o que pensaram/sentiram ao assistir o documentário.

## EDUCAÇÃO FÍSICA

Para os dois professores de Educação Física (EF1 e EF2, 2021), o material apresentado pode subsidiar uma reflexão ampla sobre a cultura e o desenvolvimento histórico da região sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, principalmente Corumbá e o Pantanal. Ao abordar as manifestações artísticas como as danças típicas, os jogos e brincadeiras populares e os jogos e esportes de orientação e aventura alia-se aos conteúdos previstos no currículo proposto. Cria, também, a possibilidade de associar as telas às aulas de dança, relacionando as danças regionais provenientes da ocupação do espaço e da formação populacional, bem como associá-las às brincadeiras populares, especialmente indígenas e ribeirinhas.

“Com exceção dos textos bíblicos”, as demais linguagens ampliam o conhecimento sobre a cultura corporal a partir de diferentes experiências que possibilitem relacionar o movimento com ritmos, com a poesia, com a história do Pantanal. A partir da representação singular da ação do homem, as linguagens darão subsídios para tratar os conteúdos específicos da área de Educação Física, a exemplo da dança Siriri, que tem forte influência indígena e portuguesa. Os textos históricos e as artes plásticas formariam um conjunto mais próximo à dança, auxiliando o entendimento de determinados movimentos corporais, como bater o pé, dançar em roda, girar. A sensibilidade das artes permite extrapolar o fazer mecânico da dança, levando, ao mesmo tempo, a uma compreensão histórica. Posteriormente poderão produzir uma dança, uma poesia ou organizar um sarau. “Com exceção dos textos bíblicos, as demais linguagens poderiam ser utilizadas para propiciar um aprofundamento sobre cultura e desenvolvimento histórico produzido pelo ser humano sul-mato-grossense” (EF1, 2021).

Em relação aos conteúdos específicos sobre a história da ocupação do Pantanal seriam difíceis de trabalhar. Contudo as práticas corporais como dança, os jogos e brincadeiras que surgiram das relações de diferentes etnias e/ou se modificaram e desenvolveram por meio de diferentes apropriações culturais podem ser entendidas no contexto social ao estabelecer relação com as questões históricas.

Conforme os professores, o mesmo obstáculo ocorre em relação ao meio ambiente, cuja articulação com a Educação Física se daria considerando a possibilidade de ampliar o conhecimento da cultura corporal. A discussão giraria em torno do espaço para as práticas corporais que está cada vez mais restrito devido à ação inconsequente do ser humano. Esses aspectos seriam multideterminações que poderiam se relacionar à constituição da cultura corporal ou como a população local se manifesta pelo movimento, uma vez que tais produções históricas se vinculam ao meio ambiente bem como a outras questões.

Cabe ressaltar o alerta de Alves (2019, p. 7) segundo o qual há “[...] uma recorrente falta de rigor no emprego do termo cultura”. Faz-se necessário captarmos os elementos que constituem a cultura não como coisas, mas como produtos e práticas com funções precisas determinadas pelas relações sociais.

## **SOCIOLOGIA**

Para o professor de Sociologia afluíram as possibilidades referentes à cultura regional. Ele utilizaria o documentário para discutir e contextualizar os nomes dos artistas plásticos regionais, músicos e músicas, bem como para discutir a cultura e seus significados, levando em conta as impressões dos alunos. Em relação aos trechos bíblicos, “[...] diria que [...] fazem parte da narrativa do vídeo, deixando à vontade quem não faz parte dessa religião” (S1, 2021). Os dados históricos e a ocupação do Pantanal seriam tratados “[...] brevemente pois fugiriam das habilidades propostas para a disciplina” (S1, 2021). Para trabalhar as interferências humanas no meio ambiente não utilizaria este documentário.

As habilidades às quais a professora se refere são impostas pelo referencial curricular materializados atualmente na Base Nacional Comum Curricular – BNCC – que foi homologada em 20 de dezembro de 2017 pelo ministro da Educação, Mendonça Filho. Em 22 de dezembro de 2017 foi promulgada a Resolução CNE/CP nº 2 que instituiu e orientou a implantação da BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

## **ARTES**

Em Artes, promove o ensino ao trazer, de forma dinâmica e rica, o que é o Pantanal, seu patrimônio histórico cultural, os artistas que o retratam, o folclore sul-mato-grossense, além de explorar os desenhos rupestres.

## **CIÊNCIAS**

Para a professora de Ciências:



Ao trazer a bíblia como um gênero textual, rompe a ideia de separação total entre fé e ciência, aproximando tal conhecimento a realidade do aluno. Usa um texto que a maioria dos alunos conhecem, que seria a história da criação do mundo. A partir das imagens e narrativas, podemos propor discussões e trabalhar a fauna e flora pantaneira, as estações e o clima deste bioma (C1, 2021).

Cabe retomar que a utilização do texto bíblico objetivou apenas exaltar o caráter exuberante da fauna e da flora pantaneiras. Ao finalizar o capítulo 1 – O Pantanal e o Gênesis, o autor afirma: “Esses desígnios se cumpriram até com certo exagero no Pantanal” (Alves, 2014, p. 24).

Voltando para a disciplina de Ciências, o foco histórico estaria posto no desenvolvimento econômico, explorando os temas pecuária e impactos ambientais causados pela ocupação do solo pantaneiro. A professora iniciaria propondo uma pesquisa escolar seguida de discussão sobre as consequências da atividade pecuária em nosso estado, sobre a relação da comunidade com o meio ambiente e quais as possíveis intervenções para preservá-lo. As festas, costumes e culturas da população local também poderiam ser exploradas, fazendo sempre uma ponte entre o homem e a natureza. A professora aproveitaria a abordagem sobre o Rio Taquari para trabalhar uma retrospectiva que levasse os alunos a entender os problemas ambientais não somente como uma consequência da ação do homem, mas como resultado de um processo histórico que é apresentado ao longo do vídeo. Para finalizar apresentaria alguns projetos que buscam a recuperação desse bioma e sua fauna tendo como exemplo alguns projetos como da arara-azul e tamanduá-bandeira. Por fim, o registro poderia ser em forma de desenhos, poesias ou músicas.

### **PEDAGOGAS (LÍNGUA PORTUGUESA, MATEMÁTICA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA – 1º AO 5º ANO)**

As pedagogas P1, P2 e P3 (2021) pensaram em explorar a leitura dos textos e a produção dos alunos a partir da variedade textual que o vídeo apresenta. Para as crianças menores a apresentação ficaria melhor no encerramento do conteúdo, uma vez que, no início elas não teriam o conhecimento básico necessário para a compreensão do tema apresentado. A narração é clara e facilita o entendimento. A divisão em subtítulos facilita o estudo, mas é de difícil leitura para os alunos, por utilizar uma fonte (formato da letra) que eles, no terceiro ano, estão começando a utilizar<sup>6</sup>. A diversidade textual e as diferentes linguagens artísticas permitem explorar outras formas de aprendizagem, de expressão e de conhecimento. Para a diretora adjunta, o vídeo possibilita a construção de conhecimentos de forma leve e precisa, fazendo relações com os conteúdos abordados durante as aulas, além de os alunos tomarem conhecimento das obras de arte e música dos nossos artistas.

Para as pedagogas, inicialmente o vídeo seria apresentado na íntegra, embora aborde diversos fatos históricos, o que é complexo para o entendimento dos alunos nos anos iniciais. Na sequência seria selecionado um tema, em conformidade com o currículo, para estudo aprofundado, utilizando obras de artes plásticas, música e poemas relacionados ao assunto. São muitas as possibilidades elencadas: linha do tempo para mostrar os acontecimentos marcantes; localização geográfica dos lugares apresentados; composição e narrativas; pesquisa seguida de escrita colaborativa descrevendo a história do Pantanal. O vídeo convida a um trabalho interdisciplinar, articulando os saberes e as disciplinas, o que seria enriquecedor e, ao final, culminaria com apresentação e exposição de todo o trabalho realizado.

Outra sugestão seria trabalhar pausadamente o vídeo, pois o roteiro permite o estudo de vários conteúdos de História Regional, cabendo uma análise juntamente com a realização de uma pesquisa escolar sobre o contexto histórico que envolve o pantanal, bem como analisando como a arte pode contar a história.

Acerca das manifestações culturais, os temas para estudo, pesquisa escolar e atividades são imensas, quais sejam: patrimônio cultural material e não material; tradições culturais, aproveitando ao máximo de outras tradições; proposição de uma mostra cultural; releitura; buscar pessoas que participam e conheçam as manifestações culturais para ser entrevistado pela turma; promover apresentações de dança, teatro. Há também preocupações, conforme alerta uma das quatro pedagogas: “[...] é necessário refletir sobre os objetivos específicos, buscando associar o que eles vivem com o que é apresentado no vídeo, pois temos habilidades que serão cobradas nas avaliações nacionais” (DA1, 2021).

Quanto à ocupação do solo pantaneiro, os recursos naturais, a economia e os impactos ambientais e o uso da água foram citados como possibilidades para explorar as situações de aprendizagem, utilizando diversas técnicas de ensino como utilização de mapas, por exemplo. No entanto, o contexto histórico que apresenta os fatores que interferem na ocupação humana nos espaços são complexos para crianças pequenas. Nesse sentido, as professoras foram levadas a refletir mais sobre a utilização do documentário, revendo os aspectos que poderiam trabalhar a partir dos conteúdos propostos e dos materiais disponíveis na escola. O trabalho com a pesquisa escolar, afirma a professora P2 (2021), “[...] seria muito interessante já que passamos recentemente por grandes problemas relacionados às queimadas no pantanal”.

A transformação da paisagem, os elementos naturais e humanizados, os recursos naturais são temas atuais que estiveram na mídia diante do que aconteceu em 2020. Portanto, é fundamental o debate. “Após assistir o vídeo, eu faria a proposição de uma aula sobre as inúmeras interferências e finalizaria com o debate entre os alunos com a produção de texto” (P1, 2021). O vídeo é um recurso para muitos objetivos, continua a pedagoga P1 (2021):

Se o objetivo fosse refletir sobre as intervenções do ser humano no meio ambiente, por exemplo, iniciaria com a exploração de uma obra plástica,

realizaria uma visita a uma exposição ou museu que pudesse contextualizar, sensibilizar as crianças quanto a obra de arte e seu papel social. Depois exploraria o que as crianças sentiram, o que sabem sobre o pantanal. Só então o vídeo entraria para aprofundar e direcionar a discussão fazendo um link entre o passado e o presente.

A partir do documentário, promoveria a leitura de notícias sobre fatos que mostrem a ação humana na região do pantanal, permitindo aos alunos perceberem essa ação na transformação do espaço. A partir desse estudo, pode-se promover a produção, de forma interdisciplinar, utilizando as linguagens apresentadas no documentário – música, poesia, artes plásticas e outras não contempladas, combinando com apresentações dos trabalhos em um sarau cultural.

## HISTÓRIA

Para a História, múltiplas possibilidades: a riqueza dos rios que banham o pantanal quando articulada à história humana; a divisão do Estado; artistas locais da pintura, música e literatura; a Guerra do Paraguai; a construção da identidade sul-mato-grossense; a estrada de ferro e o povoamento do Estado; os povos indígenas; a ocupação do solo, dentre tantos outros.

Com as cenas da ocupação do Pantanal podem ser abordados os agrupamentos indígenas que chegaram à região no século XVII, passando pela chegada dos europeus e pela migração interna a partir da chegada dos luso-brasileiros em busca do ouro nas minas do Mato Grosso. Depois a construção dos fortes militares e a produção da pecuária, por fim o estabelecimento das cidades durante o século XX com a chegada da Noroeste do Brasil - NOB.

O documentário é um recurso pedagógico eficaz para abordar a cultura sul-mato-grossense, a diversidade cultural no estado, por exemplo, o São João de Corumbá e as águas do rio Paraguai. Como elementos culturais também podemos ampliar a discussão pensando nas festas mais recentes ligadas à produção agropecuária demonstrando, por exemplo, a bovinocultura, retratada por Humberto Espíndola, além do conceito de cultura, levando em conta as impressões dos alunos. O documentário permite, também, observar de maneira crítica a exploração dos recursos hídricos e a exaustão dos biomas do Pantanal e do cerrado. Vale ainda abordar a questão da disputa de terras entre indígenas e latifundiários em todo o estado que pode ser introduzida pelo poema Genocídio de Emmanuel Marinho, um excelente material para ilustrar a relação humana com a natureza, como o ser humano se torna o transformador da natureza e de si mesmo através do trabalho.

\* \* \*

De modo geral, os professores questionados propõem discutir com a turma o que eles já conhecem sobre a temática, primeiro, anotando frases ou palavras-chave dessa conversa. Após a exibição do material incentivar para que os alunos falem o que sentiram, o

que gostaram ou não e o que mais lhes chamou atenção. Conforme vão falando, retomam-se os conceitos tratados na primeira conversa, além de selecionar algumas perguntas para destacar o conteúdo que será trabalhado. Especificamente sobre o vídeo Águas que Educam há a possibilidades de trabalhar diferentes linguagens, no mesmo recurso. A poesia, a música, as artes plásticas se fazem presentes harmonicamente, permitindo explorar vários conteúdos de diversas disciplinas. Pode-se optar também pela organização de sequência didática cuja culminância seriam oficinas organizadas pelos próprios alunos. Os temas girariam sobre os biomas de Mato Grosso do Sul, sobre os artistas, a cultura, propondo aos alunos que construam na linguagem preferida – poema, música, dança, dança, vídeo – algo que represente o Mato Grosso do Sul. Segundo os onze docentes, sobre a história local e regional há pouco material didático disponível. “É difícil trabalhar a história sul-mato grossense e campo-grandense. Os manuais, editados nacionalmente, quase nada trazem”. (H1, 2021).

## **BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA REGIONAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

Abud (2004, p. 28) afirma que

[...] os currículos e programas constituem o instrumento mais poderoso de intervenção do Estado no ensino, o que significa sua interferência, em última instância, na formação da clientela escolar para o exercício da cidadania, no sentido que interessa aos grupos dominantes.

Independentemente de dúvidas – Por que estudar história? Porque o passado, se o importante é um presente? – Bittencourt (2004) mostra que a história permanece nos currículos, em textos oficiais e em livros didáticos que crescem em títulos e circulação.

Tanto Abud (2004) quanto Bittencourt (2004) revelam a força dos documentos que ditam os currículos e os programas que se materializam nos manuais didáticos. Estes, por sua vez, vêm difundindo, “[...] na educação escolar [...] tão somente, formas vulgarizadas do conhecimento” Alves (2019, p. 9). O autor esclarece que a limitação imposta pelos manuais tem sido permanente, atravessando o Ensino Fundamental tanto quanto o Ensino Médio.

Quanto às questões regionais, reza a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, n. 9.394, de 20/12/1996 que

Art. 26. Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica (Brasil, 1996).

Oito anos antes da LDB, a Constituição Federal havia reconhecido, no Artigo 210, a necessidade de serem “[...] fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (Brasil, 1988). O Plano Nacional de Educação (PNE), promulgada pela Lei nº 13.005/2014, reiterou a necessidade de estabelecer e implantar diretrizes pedagógicas para a Educação Básica e a base nacional comum dos currículos, respeitando as diversidades regional, estadual e local (Brasil, 2014).

Atualmente a base nacional curricular está expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, a partir daí, nos referenciais estaduais e municipais, bem como nos manuais didáticos.

Nas 600 páginas da BNCC, a palavra regional/regionais aparece 97 vezes. A principal orientação é referente à abordagem das questões nas diferentes disciplinas para que seja sempre em escala local, regional e global, conforme pode ser observado:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2017, p. 19).

A BNCC propõe uma abordagem transversal e integradora. O *Guia Temas Contemporâneos Transversais [TCTs] na BNCC* assim define a transversalidade<sup>7</sup>

[...] é um princípio que desencadeia metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. Os TCTs não são de domínio exclusivo de um componente curricular, mas perpassam a todos de forma transversal e integradora (Brasil, 2019).

Qual o conceito de transversalidade e de interdisciplinaridade proposto neste guia? Não trataremos deste objeto neste momento, mas cabe uma investigação.

Para desenvolver as competências e as habilidades propostas pela BNCC, a orientação é utilizar diferentes linguagens; diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países; brincadeiras e jogos da cultura popular; distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas, dentre outras modalidades. Tudo deve ser contemplado em âmbito local, regional, nacional e global (Brasil, 2017).

A história local e regional tem início no 3º ano do Ensino Fundamental. Conforme o Referencial Curricular, abordando temas que envolvem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive; os patrimônios históricos e culturais; os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.); espaços públicos e

privados e áreas de conservação ambiental; atividades: trabalho, cultura e lazer (Campo Grande, 2021). Nos anos seguintes são abordados temas referentes ao estado.

A orientação para a abordagem de questões regionais apresentada na BNCC é ampla. A sugestão é que se trabalhe brincadeiras, jogos, danças, literatura, diversidade linguística dentre outros temas e práticas culturais em todos os componentes curriculares em âmbito local, regional e nacional. Contudo, aqui cabe outra pesquisa: como são abordadas as práticas culturais na BNCC? Como esses conteúdos são apresentados nos manuais didáticos com o selo “obra atualizada conforme a BNCC”?

A primeira análise no Referencial Curricular Circunstancial da Secretaria de Educação (Campo Grande, 2021) acerca da História Regional mostra conteúdos da história local e regional sendo trabalhadas a partir do 2º ano, abordando o bairro e a escola. No 3º, 4º e 5º anos seguem com a história de Campo Grande abordada sob vários aspectos, incluindo conteúdos sobre o estado. Do 6º ao 9º ano a ênfase recai sobre a história nacional e global sem, contudo, deixar de abordar a história do Mato Grosso do Sul. Contudo, uma análise sobre os referenciais municipais e os manuais didáticos adotados para os anos iniciais do Ensino Fundamental serão analisados em outro artigo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando a enquete realizada acerca da utilização do documentário *Águas que Educam – o Pantanal e sua História na Pintura Sul-mato-grossense* nas salas de aula pode-se observar, na opinião dos professores envolvidos, sua viabilidade e relevância. A enquete contribuiu também para melhor direcionar o projeto de pesquisa *As Práticas Culturais como Alimento do Trabalho Didático no Processo de Ensino e de Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*.

Para os professores, a utilização de práticas culturais, a exemplo do documentário, tornam as aulas mais atraentes. Especificamente o documentário subsidia a reflexão sobre cultura e desenvolvimento regional historicamente, sem fragmentar o conhecimento, permitindo um trabalho realmente “interdisciplinar”. As manifestações artísticas permitem melhorar o conhecimento sobre a cultura corporal – termo utilizado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A utilização e análise do documentário revelaram sua relevância no processo de ensino e aprendizagem, tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais do Ensino Fundamental. Sua utilização, além de ser um recurso contemporâneo, abre possibilidades para a utilização de vários outros recursos como artes plásticas, música, poesia, literatura, dança, lendas, artesanato, produção de diversas tipologias textuais, enfim, atija a criatividade tanto dos professores quanto dos alunos.

Outras tantas possibilidades se abrem em relação às técnicas de ensino tais como linha do tempo, pesquisa escolar, trabalhos em equipe, debates envolvendo questões

ambientais, questões de desenvolvimento regional, “cultura corporal”, as mais diversas práticas culturais, patrimônio histórico, desenvolvimento econômico, impactos ambientais, variedade textual, ocupação do solo. Muitas foram as possibilidades que mostraram a viabilidade tanto do uso do documentário quanto do uso das práticas culturais no processo de ensino e de aprendizagem.

Voltando à fala de Alves (2001, p. 256) “[...] a produção de uma nova forma de organização do trabalho didático exige a incorporação de outros recursos tecnológicos que não o manual didático.” Tem-se, nas práticas culturais, as possibilidades de extrapolar os manuais didáticos, levando para as escolas o conhecimento significativo, atraente, que desperte a vontade de aprender nas crianças e adolescentes. Isso também dará a todos os “[...] a possibilidade de se extasiar com a música clássica, com as obras de artes plásticas, com a dança, com o teatro e demais práticas culturais que remetem a todos os períodos da história” (Alves, 2019, p. 10).

## REFERÊNCIAS

ABUD, K. Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, C. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ÁGUAS QUE EDUCAM: o pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense. 2016. Vídeo (20min. 08 seg.). Publicado pelo **Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves**. Disponível em: <https://icgilbertoluizalves.com.br/documentario/aguas-que-educam-o-pantanal-e-sua-historia-na-pintura-sul-mato-grossense-2> Acesso em: 30 nov. 2020.

ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

ALVES, G. L. Cultura: crítica aos usos e significados do termo. **Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves**, 2019. Disponível em: <https://icgilbertoluizalves.com.br/imagens/textocientificopdf/alves-gilberto-luiz-cultura-cr-tica-aos-usos-e-significados-do-termo260315.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande, MS: Ed. UNIDERP, 2003.

ALVES, G. L. **O Pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

ALVES, G. L. **O Trabalho didático na escola moderna: formas históricas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ALVES, G. L. Organização do trabalho didático: a questão conceitual. **Revista Acta Scientiarum Education**. v. 34, n. 2, p. 169-178, 2012. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17180/pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

ANDIFES. UFMS - Projeto Águas que Educam será realizado em outubro em cinco cidades. **Andifes**, 2014. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=28583>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BITTENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Acesso em 02 de junho de 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 03 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia\\_pratico\\_temas\\_contemporaneos.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf). Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. Ministério de Educação. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.

BRASIL. Ministério de Educação. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular Circunstancial para o Ensino Fundamental REME**. Ciências Humanas. Campo Grande, MS: SEMED. 2021. Disponível em: <https://gefem-semed.blogspot.com/p/referencial-curricular.html>. Acesso em: 07 mar. 2022.

COHN-PLOUCHAR, D. Le Roman de Formation. *In*: KAHN, P. *et al.* **L'Éducation. Approches Philosophiques**. Paris: Presses Universitaires, 1990. p. 157-169.

CORUMBÁ. Exposição que conta a história do Pantanal será aberta hoje em Corumbá. **Corumbá**, 2013. Disponível em: <https://www.corumba.ms.gov.br/2013/11/exposicao-que-conta-a-historia-do-pantanal-sera-aberta-hoje-em-corumba/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

DOURADOS NEWS. Projeto “Águas que Educam” chega a Dourados na segunda-feira. **Dourados News**, 2014. Disponível em



<https://www.douradosnews.com.br/dourados/projeto-aguas-que-educam-chega-a-dourados-na-segunda-feira/630996>. Acesso em: 08 dez. 2021.

LUKACS, G. **Velha e nova cultura**. Transcrição: Biblioteca Virtual Revolucionária, Arquivo Marxista na Internet, 2005. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Moraes, 1983.

MENDES, E. **Projeto Águas que Educam**. UFMS, Campus Aquidauana, 2013. Disponível em: <https://cpaq.ufms.br/projeto-aguas-que-educam/> Acesso em: 08 dez 2021.

ONU. **Resolução A/RES/71/222 de 21 de dezembro de 2016**. Resolução aprovada pela Assembleia Geral em 21 de dezembro de 2016. Década Internacional para a Ação "Água para o Desenvolvimento Sustentável" (2018-2028) A / RES / 71/222. Disponível em: <https://d1p480y8ywg81t.cloudfront.net/media/signorelli/colégio/unesco/resolucao-decada-internacional-para-a-acao-agua-para-o-desenvolvimento-sustentavel-2018-2028.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2021.

PROJETO Águas que Educam e show Crianceiras chegam a Corumbá esta semana. **Jornal Diário Corumbaense**, 04 de novembro de 2013. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=63633>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PULLMAN, P. As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música tanto quanto precisam de amor, comida, ar puro e brincar. **Blog Astrid Lindgren Memorial Award**, Estocolmo, Suécia, 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://astridlindgrenmemorialaward.wordpress.com/2015/12/17/children-need-art-and-stories-and-poems-and-music-as-much-as-they-need-love-and-food-and-fresh-air-and-play/> Acesso em: 08 jan. 2021.

SCREMIN-DIAS, E. Orelha de livro. In: ALVES, G. L. (org.). **O Pantanal e sua história na pintura Sul-mato-grossense**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

TRÊS LAGOAS. **Três Lagoas recebe projeto “Águas que Educam” em dezembro**. Três Lagoas, MS, 2013. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/tres-lagoas-recebe-projeto-aguas-que-educam-em-dezembro/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

#### AUTORIA:

\* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora titular da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: maria.cardoso@ufms.br

\*\* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Presidente do Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves – IGLA. Contato: gilbertoalves9@uol.com.br

\*\*\* Doutorado em Química pela Universidade Estadual de Maringá. É Professora Adjunta I da Universidade Uniderp. Contato: rosematiassc@gmail.com

**COMO CITAR ABNT:**

CARDOSO, M. A.; ALVES, G. L.; MATIAS, R. Águas que educam: as práticas culturais na organização do trabalho didático. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-26, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8670683. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670683>. Acesso em: 9 out. 2023.

**Notas**

- <sup>1</sup> Enquete é um procedimento de pesquisa utilizado para coletar dados de um grupo predefinido para obter informações e insights sobre determinado tópico de interesse, com o objetivo de obter um resultado imediato que permita direcionar ou redirecionar os encaminhamentos do projeto de pesquisa.
- <sup>2</sup> Texto publicado originalmente em 1920 na revista *Kommunismus*, nº 43. Fonte da Presente Tradução: texto publicado em "Revolución y Antiparlamentarismo", Ediciones Pasado y Presente, México, 1978. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.html>.
- <sup>3</sup> O projeto "Águas que Educam" foi realizado pela Secretaria de Educação Básica – Programa Rede do Ministério da Educação e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por meio das pró-Reitorias de Ensino de Graduação/Coordenadoria de Apoio à Formação de Professores e Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis/Coordenadoria de Cultura, com produção da Criatto Produções (Corumbá, 2013).
- <sup>4</sup> Riquíssimas, muito bonitas, excelentes, interessantes, ótimas, perfeitas, incríveis, ricas, sensíveis, profundas, maravilhosas.
- <sup>5</sup> Em 1979, a TV Morena promoveu o 1º Fessul (Festival Sul-mato-grossense da Canção), revelando importantes intérpretes, compositores e grupos musicais.
- <sup>6</sup> Lembrando que no 1º e 2º anos as crianças estão em fase de alfabetização, utilizando a letra bastão (de imprensa maiúscula). No segundo semestre, as turmas do 2º ano iniciam o aprendizado da letra cursiva e da letra de imprensa minúscula.
- <sup>7</sup> Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente; educação para o trânsito; educação ambiental; educação alimentar e nutricional; processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena; bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural. Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada (Brasil, 2019).